

## OS PROFESSORES RESPONDEM A CARDIA

Espontaneamente, cerca de 60 docentes decidiram entre si convocar uma reunião, com a finalidade de se obter uma posição do corpo docente da Academia, face à luta desta e à comunicação do ministro Cardia, e ainda acerca daquilo que resta de minimamente progressista na gestão das Escolas. Neste sentido decidiram convocar para 2ª feira uma reunião dos docentes das A.R. das diversas Faculdades, seguida de uma conferência de Imprensa.

Na reunião dos membros docentes das R.R. foi aprovada apenas com um voto contra a proposta que se transcreve na pág. 5.

Na mesa da conferência de Imprensa que se realizou de seguida no Teatro de Gil Vicente, tiveram assento os Drs. Paulo Quintela (que presidiu), Orlando de Carvalho, Orlando Pinto, José Urbano, Boaventura Santos, Jorge Alarcão e Carmona da Mota. A abrir o Dr. Paulo Quintela leu a proposta aprovada na reunião, tendo-se de seguida referido ao acto anticonstitucional do governo ao responder com lock-out à greve que os estudantes tinham decretado, lamentando também as posições dum ministro como Sottomayor Cardia cujo passado antifascista que salientou, faria crer numa actuação de abertura ao diálogo.

Em todas as intervenções, de resposta às perguntas dos jornalistas, ressaltou unanimemente a injusteza, a anticonstitucionalidade e a autocracia das medidas do MEIC, seja no que concerne ao ataque à dignidade docente (15 minutos para abandonarem os seus locais de trabalho), seja o ataque ao direito de Associação considerando-se a intromissão por parte do Meic nas decisões do órgão máximo da Academia, a ASSEMBLEIA MAGNA, um crime constitucional, seja o ataque ao direito de trabalho (dos docentes e funcionários) e ao direito ao ensino (dos discentes) ambos eles consagrados na Constituição. Por tudo isto uma única voz se levantou — a do repúdio e a do pasmo, afirmando-se tristemente que a memória dos homens é curta (Dr. Urbano), talvez consequência de um passado recente que alguns não querem esquecer e outros ousam ignorar.

À questão levantada acerca da publicação do relatório do Dr. Hespanha, foi referido não se tratar dum inquérito mas de facto de um relatório, cujos objectivos por si sós, não são suficientemente claros, tanto mais quanto e segundo o Dr. Jorge Alarcão Sottomayor Cardia teria citado em fins de Setembro de 76 perante os presidentes dos C.Ds. então em exercício: "Não quero ficar

na história como o ministro reintegrador dos saneados".

Quanto ao referendo, a unanimidade foi eco colectivo. É a violação de um direito constitucional que repetir não é de mais, o direito e a liberdade de Associação. Este "método de consulta domiciliária", cita-se o Dr. Orlando de Carvalho, não garante nem autenticidade, nem personalidade, nem inviolabilidade da vontade e do querer dos estudantes já que, além das pressões familiares que obviamente se farão sentir, nada garante que não seja o pai a mãe, o noivo ou a noiva ou quem quer que seja, a responder a tal consulta; isto para além de os termos em que é feito não permitir mais que uma única resposta. Os estudantes querem estudar e querem a sua Universidade aberta, mas também querem o Ensino que a Constituição consigna e que Cardia esquece, "liberto das sequelas do fascismo" (Dr. Orlando de Carvalho). Foi lembrado que esse foi também o método utilizado, por irónico que pareça, por Hitler, Salazar ou Napoleão quando se quis fazer imperador.

Foi esclarecido que Cardia também mente quando diz que não estiveram paralizados os serviços de apoio hospitalar da Faculdade de Medicina, tendo sido referido pelo Dr. Dário Costa, que efectivamente houve paralização total destes serviços; referiu a propósito a situação de docentes que estavam injectados para os exames de radioisótopos e que tiveram que ser evacuados, tendo posteriormente que ser sujeitos a novo tratamento; para cúmulo, referiu ainda, uma autópsia teve que ser feita clandestinamente na morgue.

E de referir ainda a intervenção do Dr. Boaventura, que articulou as lutas do Movimento Estudantil, do Movimento Sindical e da Reforma Agrária, desmontando como a desarticulação do Movimento Estudantil, por menos forte, faz parte de um plano mais geral de desmantelamento do Movimento Popular e de recuperação capitalista.

Antes do Dr. Paulo Quintela encerrar a conferência de imprensa, teve ainda o Dr. Orlando de Carvalho oportunidade de esclarecer aquilo que fez mover os docentes hoje. "perante os estudantes, perante a cidade, perante o país". O mesmo que os moveu em 62 e 69: A indignação pelos actos praticados pelo Meic, apreensão pela sorte de um governo que agora até é constitucional, pela sorte da democracia portuguesa, pelos acontecimentos dos Açores, que mais não são do que uma frente de "refascização" dum país que viu as portas da liberdade abertas no 25 de Abril.